



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

**MEMÓRIA DO TRABALHO E DA EDUCAÇÃO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO:
REVISITANDO O PROJETO COLUMBIA - *UNIVERSITY*³⁶⁹. APONTAMENTOS
INICIAIS**Lucineide Santos Silva*
(UESB)Ana Elizabeth Santos Alves**
(UESB)**RESUMO**

O Projeto Columbia - *University* foi um programa de pesquisa fundamentado nos campos da antropologia e da sociologia, realizado nos anos 1950, vinculado ao programa de Ciências Sociais Estado da Bahia e a Universidade de Columbia, em Nova York, EUA. Esse projeto desenvolveu estudos de comunidade no município de Rio de Contas, BA. Mediante uma revisão acerca desses estudos, este artigo apresenta algumas discussões preliminares no sentido de compreender a produção do espaço por meio da memória do trabalho e da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Educação; Espaço.

³⁶⁹Este trabalho é um recorte do projeto “REVISITANDO O “PROGRAMA DE PESQUISAS SOCIAIS ESTADO DA BAHIA – COLUMBIA UNIVERSITY” desenvolvido por um grupo de pesquisadores do Museu Pedagógico da UESB. É também o tema do projeto de dissertação (Memória do Trabalho e da Educação na produção do Espaço: um estudo em Rio de Contas) da mestranda Lucineide Santos Silva, co-autora deste artigo.

*Aluna do curso de Mestrado em Memória Linguagem e Sociedade, oferecido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: lucineidegeo@hotmail.com.

**Professora-orientadora do curso de Mestrado em Memória Linguagem e Sociedade, oferecido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: Ana_alves183@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

No início dos anos 1950, na Bahia, foi realizado um Projeto de pesquisa (Projeto Columbia - *University*) vinculado ao programa de Ciências Sociais Estado da Bahia e a Universidade de Columbia nos Estados Unidos, fruto de um convênio idealizado por Anísio Teixeira durante o governo de Octávio Mangabeira. Fizeram parte da equipe desse projeto o Dr. Thales de Azevedo (da Universidade da Bahia), o professor Luis Antonio Costa Pinto (da Universidade do Brasil) e o professor Charles Wagley (da Universidade de Columbia), contando também com a participação de doutorandos da Universidade de Columbia, pesquisadores responsáveis pelos estudos de comunidades: Marvin Harris, Harry W. Hutchinson e Benjamim Zimmerman.

Conforme explicam Wagley, Azevedo e Costa Pinto (1950, p. 7)

O estado da Bahia - Brasil, em cooperação com o Departamento de Antropologia da Columbia *University*, de New York, está realizando um extenso programa de pesquisas nos campos da antropologia social e da sociologia. A pesquisa de campo começou em julho de 1950 e continuará em 1951. Uma finalidade fundamental desta pesquisa é fornecer uma base objetiva para o planejamento dos programas de educação e saúde pública nas zonas rurais do Estado.

O desenvolvimento desse projeto abrangeu três regiões de estudo: o recôncavo, o sertão do nordeste e o planalto Central (AZEVEDO, s/d; CONSORTE, 1999). A preocupação central do projeto era resgatar por meio da diversidade de cada uma das regiões, a realidade local, a história e as razões responsáveis em termos econômicos por essa diferenciação, tendo a categoria desenvolvimento como chave na análise. Ou seja, “proporcionar aos administradores um conhecimento objetivo da vida rural contemporânea e das tendências para mudança.” (WAGLEY, AZEVEDO e



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

COSTA PINTO, 1950, p. 20). A intenção do governo naquele momento era promover o desenvolvimento estadual, por meio da produção de políticas públicas que adviriam dos resultados das atividades científicas realizadas pela equipe do projeto.

Em cada uma dessas regiões foram escolhidas duas comunidades: uma representando o pólo da tradição e a outra, representando a mudança, o progresso. Os estudos das regiões foram realizados segundo o método de pesquisa Estudos de Comunidade, presente no Brasil nas décadas de 40 e 50. Os estudos de comunidade surgiram naquele momento como um método inovador, permitindo a investigação de “pedaços da sociedade - as comunidades - como se fossem aldeias indígenas, utilizando métodos de observação participante, documentação censitária, histórias de vida, entrevistas dirigidas, formulando um retrato multidimensional da vida social e integrando o estudo das manifestações culturais à análise de seu substrato social e econômico”. (DURHAM, 2004, p. 21).

A proposta do Projeto Columbia era elaborar análises tendo em vista comparar diferentes localidades (comunidades) a partir da categoria desenvolvimento, podendo ser observado, conforme Castro (2001, p. 197), nas preocupações da pesquisa realizada por Marvin Harris, em Minas Velhas (Rio de Contas), com a densidade demográfica, com as atividades produtivas, a infraestrutura local: a eletricidade, as estradas, transporte, hospitais, escolas, etc., e, o nível de acesso por parte de visitantes a estas localidades.

Para conhecer a realidade do Estado, segundo esses pesquisadores, seria necessário debruçar-se sobre um vasto campo empírico e assim perceber, até que ponto essas regiões estavam se adequando à idéia de um Brasil modernizador, desenvolvido, industrializado. (CONSORTE, 1999, p.40). Naquela ocasião, as mudanças estavam sendo anunciadas conforme as transformações ocorridas com o fim da segunda guerra mundial, dentro as quais, o processo de redemocratização do



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

país e as mudanças econômicas, oriundas da implantação do avanço da industrialização e do capitalismo. Essas preocupações traduziam, nos anos 50, a sensação coletiva de uma transição entre uma sociedade atrasada e desigual para uma sociedade industrializada e urbanizada. Implicavam em compreender o Brasil no descompasso temporal e espacial, produzindo a imagem dos “dois Brasis”: uma parte da sociedade brasileira continuaria a se mover por formas de vida tradicional, regionalista, construídas segundo critérios rígidos de participação familiar, por sexo, por parentesco, por prestígio local; e outra parte desta sociedade já era considerada membro da modernidade. (SADER e PAOLI, 2004, p. 47).

As regiões do Brasil eram vistas como expressão de um mundo dual, no qual se explicaria por suas características modernas ou pelo seu arcaísmo (segundo o tipo de povoamento ou atividade econômica). Confrontam-se “o velho representado pelo imobilismo do interior (o sertão da pecuária, do latifúndio, do coronelismo, do agrarismo tradicional), e o novo, representado pelo litoral que se vincula à indústria, ao grande comércio, as formas avançadas de civilização, ao dinamismo”, caracterizado pelo descompasso nas práticas espaciais. (LINHARES e SILVA, 1981, p. 42).

Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo esboçar algumas discussões preliminares³⁷⁰ a respeito de um estudo que estamos desenvolvendo acerca das relações de trabalho atribuídas ao Brasil arcaico, representado pelo pólo da tradição, tendo o município de Rio de Contas, BA como campo de investigação científica, uma vez que foi um dos modelos de comunidade escolhido pelo Projeto Columbia.

370São as idéias preliminares da pesquisa que estamos começando a desenvolver.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A escolha desse município para a pesquisa empírica do projeto Columbia deu-se no contexto em que o Brasil “moderno” inaugura as bases de uma economia urbana e industrial.

Rio de Contas foi criado em 1724. Apesar de a região ser eminentemente agrária, já apontava características muito peculiares que lhe possibilitava tornar um espaço de articulação; inicialmente para a sobrevivência de povos negros com o cultivo de subsistência, mais tarde por conta da construção de estradas para encurtar as distâncias entre Goiás e Bahia e, posteriormente para exploração de mineração na região (século XVIII) (PEREIRA, 1940). No momento da pesquisa (1950-51) as minas de ouro não eram mais produtivas para a exploração comercial e a população da cidade mantém a tradição da atividade manual, sendo considerada uma localidade pobre, isolada do resto do Estado e decadente. (WAGLEY, AZEVEDO e COSTA PINTO, 1950).

Pretendemos com este estudo compreender a produção do espaço (conjunto de práticas espaciais³⁷¹) por meio da memória a respeito das relações de trabalho e da educação, a partir dos seguintes questionamentos: Como as classes sociais em disputa materializam o espaço? Que narrativas foram construídas em torno do trabalho e da educação? De que modo os estudos de comunidade produzidos pelo Projeto Columbia analisaram as relações de trabalho, inspirados, por exemplo, no

371O conjunto de práticas espaciais (HARVEY, 1993, p. 202) abarca a compreensão da acessibilidade e distanciamento, principalmente no que diz respeito à divisão social do trabalho, do comércio e da reprodução social; a apropriação do espaço que observa o modo como o espaço é ocupado; o domínio do espaço no qual mostra como um grupo de indivíduos domina o espaço; e a produção do espaço que observa o surgimento de novas formas de uso da terra, do transporte e da comunicação. O modo de produção capitalista está em constante movimento, as práticas de reprodução social estão em constante mudança e, portanto, os significados e as representações do espaço também se modificam. Esse autor (HARVEY, 1993, p. 189), lembra que podemos encontrar diferentes apropriações ou produções do espaço. “Aproprio-nos dos espaços antigos de maneiras modernas, tratando o tempo e a história como algo a ser criado, em vez de aceito”.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

esquema de análise “dualista”, segundo o qual o país apresenta uma dualidade de estruturas: um setor aberto moderno e outro fechado e arcaico.

Para dar conta de responder a esses questionamentos, estamos realizando um levantamento bibliográfico e documental em torno do Projeto Columbia e do município de Rio de Contas. Segundo Consorte (2005, p.61), o Projeto Columbia pode ser caracterizado como uma pesquisa de grande fôlego, no entanto, enfrentou um grande desafio, pelo fato de ter sido pensado em um momento em que as ciências sociais no Brasil estavam com seus cursos em formação e as condições de pesquisas bastante rudimentares.

No arquivo público de Rio de Contas a equipe de pesquisadores do Museu Pedagógico rastreou a monografia de Marvin Harris “Town and Country”, um dos estudos de comunidade realizado pelo Projeto Columbia. Os relatos da antropóloga Josildeth Consorte (2005) descrevem a sua participação como auxiliar de pesquisa nos estudos realizados por Marvin. Ao longo de vários meses ela trabalhou na coleta de dados relativos a fatores sociais e econômicos da vida cotidiana das pessoas desse município.

Em um exame preliminar da monografia de Marvin Harris (1971) podemos observar a ausência de discussões a respeito da divisão social do trabalho, das classes sociais e das condições de vida dos trabalhadores. No capítulo dois da tese, por exemplo, o autor descreve a especialização das ocupações encontrada em Rio de Contas, a partir da variedade de atividades remuneradas, classificando-as em seis grupos: Manufatura (latoeiro, ferreiro, sapateiro, costureira, etc); Servil/Doméstico (prostituta, coveiro, lenhador, carregador de água, etc); Profissões e Serviços (açougueiro, sacerdote, dentista, etc); Serviço Público (professor, inspetor de escola, arrecadador de impostos estaduais, etc); Agricultura (fazendeiro, roceiro); Comércio (negociante ambulante, lojista, etc).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A pesquisa desenvolvida por Forman (1979, p.29) faz uma crítica aos limites dos estudos de comunidades realizados pelos antropólogos naquele contexto. Para esse autor uma grande parte dos estudos se preocupou em descrever uma povoação ou um conjunto de povoações no presente etnográfico e daí retirar conclusões “acerca dos instrumentos da mudança social – estradas, mercados, eletricidade, nível educacional – com os quais a sociedade mais ampla começa a efetuar a transição local de ‘tradicional’ para ‘moderna’”; entretanto, esses pesquisadores não buscaram articular essas unidades com forças históricas mais amplas que atuam sobre a sociedade.

Outro documento rastreado por nós foi o livro “A Revolução Brasileira”, escrito por Charles Wagley (s/d), um dos formuladores de hipóteses e planos para o estudo de áreas típicas da Bahia, cuja realização dirigiu e orientou o Programa de pesquisas Sociais Estado da Bahia-Columbia *University*. Esse livro traz uma discussão a respeito do processo global de mudanças que a sociedade brasileira estava passando naquele momento e os modos de vida caracteristicamente brasileiros. O autor descreve o Brasil tradicional e o moderno. Para ele, o país passa por um processo de transformação: “de uma forma tradicional de sociedade do século XIX para uma “nova” sociedade do futuro”. (p. 15). Um dos aspectos destacados pelo autor para caracterizar os “dois brasis” está na compreensão das relações entre patrão e trabalhador.

No Brasil arcaico, por exemplo, segundo Wagley, as descrições realizadas por Marvin Harris a respeito de Minas Velhas (Rio de Contas) retratam que a conversa favorita entre negociantes, garimpeiros, lavradores e artífices em geral, era sobre o patrão. “Figura paternal que lhes arranja trabalho, fornece os materiais, empresta dinheiro e compra os seus produtos antes da colheita. Por toda a parte, no Brasil, existiam relações análogas com os patrões, que ainda sobrevivem em muitos lugares”



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

(p.25). Nas zonas rurais, trabalhadores nos canaviais e nas fazendas de café, vaqueiros nos ranchos do nordeste ou nos pampas do sul, colhedores de borracha no Amazonas, rendeiros ou meeiros nas grandes propriedades agrícolas, quase todos dependiam de um patrão. O chefe da casa era o patrão (ou patroa) dos empregados, o proprietário de terras era o patrão dos colonos, o fazendeiro de gado era o patrão dos vaqueiros.

No Brasil moderno uma nova sociedade começa a se formar, conforme Wagley: os trabalhadores migram da zona rural e vão ganhar a vida nas indústrias. Assim, já não dispõem mais das instituições sociais que lhe davam sentido de segurança e estabilidade nas suas comunidades rurais. Vão trabalhar para uma companhia ou uma empresa e não tem mais um patrão no sentido rural e tradicional; a única forma de segurança repousa nas leis trabalhistas.

Diante desses achados empíricos iniciais, estamos começando a desenvolver as nossas análises a partir de reflexões a respeito da categoria trabalho, da memória e da produção do espaço para descortinar a realidade objetiva e entender o sentido do trabalho e da educação nos anos 1950.

A discussão em torno da categoria trabalho tornou-se uma necessidade premente nas ciências humanas e nos meios acadêmicos. Mas, o interesse em torno dessa temática remonta os estudos desenvolvidos por Marx, permeando toda a sua obra desde os escritos filosóficos, aos econômicos e políticos, até seu estágio de maior maturidade como esta explicito no capítulo V do livro O Capital:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporal idade,

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua vida própria ao atuar por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (...) Diferente do que ocorre no mundo animal, o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-la em cera. No fim do processo do trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. (...) (MARX, 1983, p.149-150).

Marx aponta a perspectiva teleológica da categoria trabalho, atividade consciente, sendo uma categoria fundante do mundo dos homens e que se coloca como resultado de algo pensado e imaginado anteriormente, ou seja, não existe nenhuma possibilidade de igualar o ato humano ao do animal, pois a transformação da natureza pelo homem se dá numa relação socialmente construída e elaborada. Contudo, o resultado cada vez mais eficaz do ato de trabalhar não se dá da noite para o dia. É necessário que se chegue a um estágio de aperfeiçoamento sobre suas variadas fases, com o intuito de alcançar uma eficácia crescente nessa operação teleológica. Atribui-se ao ser humano o papel central da realização de tal tarefa, pois só ele é capaz de conscientemente organizar o ato de trabalhar, levando-o ao estágio de racionalidade. Com efeito, essa razão só é possível no processo social de trabalho, na medida em que vão se tornando necessárias as mudanças de sua reprodução a partir de rupturas; isso se dá por meio de longas etapas no processo de apropriação do conhecimento, possibilitando a construção de novas sínteses. (CARVALHO, 2008). A educação é parte inerente desse processo.

No momento em que o homem toma posse da natureza e a modifica, o trabalho transforma-se em fonte direta de valores de uso. Esse processo acontece por meio da razão como estágio superior do aperfeiçoamento e eficácia da consciência, como explica Carvalho (2008). A razão compreende o espaço de internalização do



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

conhecimento e, a partir disso há um processo de desenvolvimento numa perspectiva de avançar a consciência dos homens, tendo a categoria trabalho como ponto central dessa trajetória.

Assim, é possível compreender que a consciência dos homens pode também ser pensada no campo da memória, funcionando enquanto uma mediação que resulta numa continuada e indissolúvel relação do homem, natureza e sociedade por meio do trabalho. A memória nesse sentido é um dispositivo que marca os registros de subjetivação calcados nas exigências objetivas, concretas da vida humana. A memória está no campo da ação dos sujeitos históricos que agem de forma objetiva no exercício de uma atividade prática, numa perspectiva dialética em que a totalidade, desdobra-se, na sua origem e no seu desenvolvimento, pela ação de partes contraditórias entre si. Ou seja, numa totalidade que se reconheça a existência das partes, mas que combinam contraditoriamente, entre si, formando uma unidade. Esse fato é o traço principal da dialética que existe no mundo do trabalho, portanto, também na representação ideacional, conceitual, teórica que o trabalho vem sendo gestado pela memória, no qual vão se criando as concepções a respeito das relações sociais de produção que dão forma e conteúdo ao espaço. Nesse sentido, resgatar a memória não significa apenas traçar uma simbiose entre lembrança e esquecimento, ou então legitimar o interesse de cada grupo em específico, mas procurar compreendê-la num aspecto social mais amplo pautado em uma sociedade composta de contradições, cuja estrutura (definida pelo capital) coloca em lados opostos o trabalho e o capital que se desenvolve com acumulação da mais-valia.

Os pressupostos descritos acima estão orientando o nosso olhar no sentido de compreender as relações de trabalho e da educação descritas (ou implícitas) pelo Projeto Columbia.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A memória, conforme enfatiza Le Goff (2003), enquanto relação de poder traz um conteúdo de disputas sociais em que esquecer e lembrar em determinados períodos acontecem segundo interesses de grupos que dominam a organização e a produção do espaço, fazendo com que venha a tona somente o conteúdo para servir enquanto mecanismo de manipulação das forças sociais dominante.

Dessa forma, a memória se internaliza a partir de uma construção social e se expressa no trabalho. Ou seja, a racionalidade humana objetiva elaborada no e pelo trabalho no tempo e no espaço sofre modificações na medida em que estabelece os diversos usos e abusos da natureza. A educação acompanha esse processo desde a sua compreensão como uma das maneiras com que as pessoas socializam um saber coletivo, passado através das gerações, que mantém o passado em permanente reconstrução, gestado no dia-a-dia do trabalho.

Apesar dos estudos de comunidades terem investido na dimensão da vida social e terem sido um marco no Brasil dos anos 50 para emergência da pesquisa de campo, ainda não foi possível entender que impactos se deram no mundo do trabalho, evidenciando entender o que representou o trabalho nessa trajetória histórica. Os interesses das subjetivações e objetivações eram os mesmos entre os grupos sociais em questão? Diluíam-se no processo de apropriação e reprodução do capital? Como reforça o próprio Marx (1988, p. 22).

O que o operário produz para si não é a seda que tece, não é o ouro que extrai das minas, não é o palácio que constrói. o que ele produz para si é o salário: e a seda, o ouro, o palácio, reduzem-se para ele a uma certa quantidade de meios de subsistência, talvez uma camiseta de algodão, uns cobres (...).

Será que o trabalhador depois de várias horas de trabalho, tecendo, fiando, perfurando, quebrando pedra, escavando, está considerando o processo de trabalho



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

como uma manifestação de sua vida, no sentido explícito por Marx? Ao contrário, sua vida começa no boteco, na mesa, na cama, ou seja, o sentido ontológico do trabalho é aniquilado no modo de produção capitalista.

Entender toda essa problemática é o que move esta pesquisa. Ou seja, compreender como se deu o processo de construção e reconstrução desse espaço, sobretudo, no que se refere às relações de trabalho, do ponto de vista da forma, do conteúdo, construídas ao longo da história.

Nessa perspectiva é que se pretende revisitar o Projeto Columbia. Buscar em sua contribuição teórica e empírica, o que se produziu sobre o espaço brasileiro, com ênfase nos estudos de comunidades realizados na região da Chapada Diamantina (Rio de Contas) no tocante as relações de trabalho que estavam ali imbricadas, no sentido de resgatar a memória do trabalho e da educação na produção do espaço e apreender o papel do trabalhador nesse contexto.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Thales. Prefácio. In: **A Revolução Brasileira**. Coleção de Estudos Sociais 3. Livraria Progresso Editora, s/d. p. 3-7.
- CASTRO, Elisa G. de. "Estudos de Comunidade": Reflexividade e Etnografia em Marvin Harris. **Revista Universidade Rural**. v. 23, n.2, p. 195- 210. RJ: S/e, jul/dez. 2001.
- CARVALHO, Edmilson. **A produção dialética do conhecimento**. São Paulo: Xamã, 2008.
- CONSORTE, J. Lembrando Costa Pinto: memória das ciências sociais no Brasil. In: MAIO, Marcos C; BÔAS, Gláucia V. **Ideais de Modernidade e Sociologia no Brasil**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1999.
- CONSORTE, J. Itinerário de uma pesquisadora: sucesso e percalços. In: MAGALHÃES, Livia D. R; CASIMIRO, Ana Palmira S. **Memória e Trajetória de Pesquisa**. Campo Grande, MS: UNIDERP, 2005. p. 57-78.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- DURHAM, Eunice R. A Pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (org). **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. 4 ed. RJ: Paz e Terra, 2004. p. 17-37.
- HARVEY, D. **A Condição pós-moderna**. Tradução de Adail U.S.; M.^a Stela G. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: ____ **História e Memória**. 5. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003. P. 419-472.
- FORMAN, Shepard. **Camponeses: sua participação no Brasil**. Tradução de M.^a Isabel E Abdenur. RJ: Paz e Terra, 1979.
- HARRIS, M. **Town and Country in Brazil**. NY: The Norton Library, 1971.
- LINHARES, M.^a Yeda; SILVA, Francisco Carlos. **História da Agricultura Brasileira: combates e controvérsias**. SP: Brasiliense, 1981.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política** - 3.^a Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- PEREIRA, Gonçalo Athayde. **Minas do Rio das Contas**. [S.I:s.n], 1940.
- SADER, Eder; PAOLI, Maria Célia. Sobre “classes populares” no pensamento sociológico brasileiro (Notas de leitura sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth (org). **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.p. 39-67.
- WAGLEY, Charles, AZEVEDO, Thales de e COSTA PINTO, Luiz A. **Uma pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia**. Publicações do Museu do Estado, n 11, Secretaria de Educação e Saúde – Bahia. Salvador: Museu do Estado, 1950.
- WAGLEY, C. **A Revolução Brasileira**. Coleção de Estudos Sociais 3. Livraria Progresso Editora, s/d.